

A CASA, ESPAÇO DA CATEQUESE?

Pe. Juventino Kesterling
Prof. de Teologia Pastoral

Casa! A casa: sonho, esperança, vida, aconchego, partilha. Um lar. Lar-casa. Lar-casa-família. A casa tem histórias. Uma das buscas fundamentais do homem foi um abrigo, uma casa: caverna, tenda, maloca, oca, barraco, prédio, apartamento. Há o sorriso de alguém que pode dizer "vou para casa", mas o olhar triste de quem experiencia a dura realidade de não saber para onde ir. A história da humanidade pode ser lida à luz da casa.

Neste artigo pretendo abordar a "casa como espaço da catequese". É uma tentativa de resgatar alguns elementos que sinalizam para a experiência de fé ligada à casa. A campanha da Fraternidade-93, além da temática específica, apresenta-se como tempo oportuno para uma reflexão sobre a catequese familiar e a casa como espaço de experiência de fé. Os modelos atuais de catequese por vezes tiram o catequizando de seu meio, o que leva a resultados pouco concretos e tem gerado um cristianismo sem raízes mais consistentes. O que está em jogo é o sentido de pertença a uma comunidade. Este desafio se amplia no complexo urbano, nos relacionamentos funcionais e se agrava nas periferias e favelas, onde boa parte da população vive de maneira indigna e não tem uma experiência de casa, de família, na sua infância. As ciências sociais hoje aprofundam este tema, uma vez que interfere diretamente na qualidade de vida e nos comportamentos grupais.

Como falar de "Igreja, casa de todos", para quem não tem casa?

Esta realidade traz alguns questionamentos. A problemática atual de moradia não influi no processo de educação da fé? Como falar de "Igreja, casa de todos, para quem não tem casa? Como acontece, a nível de atitudes psicológicas e religiosas, a experiência da fé para quem não experiencia a casa? Agrava-se a situação quando se leva em conta outra realidade: ter casa, mas não ter um lar, ou ter lar, mas não ter uma casa. Estas e outras realidades atingem diretamente um programa de educação da fé numa comunidade. O grito pela casa é um clamor rouco que aflige milhões de famílias.

1. CONSTRUINDO CASAS

O povo hebreu viveu no Egito uma experiência de construção de casas. Casas e celeiros para os Faraós. "Estabeleceu, pois, sobre eles, feitores, para acabrunhá-los com trabalhos penosos... impunham-lhes a mais dura servidão, e amarguravam-lhes a vida com duros trabalhos na argamassa e na fabricação de tijolos" (Ex 1,12-14). "Por que construir casa para os outros e não para nós?" Na certeza de que Deus ouviu seu clamor e que estava com eles (cf Ex 2,7-8), criaram um processo catequético-educador: "Vamos nos organizar e sair desta terra de escravidão e caminharemos em busca de uma nova terra. Lá teremos as nossas tendas e construiremos as nossas casas e cidades, não para oprimir e explorar, mas para que sejam um espaço de liberdade". E a celebração da Ceia Pascal (cf Ex 12,1-34) tornou-se a festa da saída que deverá ser guardada "de geração em geração como uma memória perpétua" (Ex 12,17). Este fato foi o marco primordial da catequese em Israel. Gerou uma catequese alicerçada sobre um fato histórico, no qual o povo sentia a presença da

mão do Deus libertador. Em torno deste fato Israel se educou na fidelidade ao Deus único.

2. EXPERIÊNCIA DA TERRA

O exercício da liberdade no deserto foi um longo processo. Era difícil tirar da mente e do coração dos israelitas a ideologia dos Faraós. Moisés tinha consciência de que o simples fato de sair de uma terra e ir para outra não era o suficiente para mudar o coração e gerar novas práticas. O relato da visita do sogro de Moisés ao acampamento dos israelitas (Ex 18,13-27) bem demonstra esta realidade. Também Moisés concentrava a liderança. Jetro aconselhou Moisés a descentralizar os compromissos e assim dar maior responsabilidade às tribos. A passagem da opressão para a liberdade, da concentração para a partilha, requer uma conversão do coração. A tenda, o deserto, as assembleias, a sede, o calor, a fome, a nuvem escura, o facho luminoso, os pés calejados no calor da areia, a organização nas tendas, foi o método catequético que criou uma nova consciência e preparou o povo para a aliança no Sinai. "Agora, pois, se obedecerdes à minha voz e guardardes minha aliança, sereis meu povo particular entre todos os povos" (Ex 19,5). E o compromisso desta aliança foi gravado em pedras (Ex 20, 1-21), para serem marcos de referência para o agir de todas as gerações. "Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor... os mandamentos que hoje te dou serão gravados em teu coração. Tu os inculcarás a teus filhos, e deles falarás seja sentado em tua casa, seja andando pelo caminho, ao te deitares e ao te levantar. Atá-los-ás à tua mão como sinal, e os levarás como uma faixa frontal diante dos teus olhos. Tu os escreverás nos umbrais e nas portas de tua casa" (Dt 6,4-9).

3. NOSSOS PAIS NOS CONTARAM

O processo de educação da fé entre o povo de Israel situava-se no âmbito da casa. Nela emergia a figura do pai-catequista. Ele tinha a responsabilidade de contar aos filhos os "feitos de Deus". A educação da fé não acontecia em termos nocionais e abstratos, mas através de relatos históricos, dentro de um clima celebrativo. "Quando amanhã teu filho te perguntar: Que significam estes mandamentos, esta leis e estes decretos que o Senhor nosso Deus nos prescreveu? Estão responderás a teu filho: Nós éramos escravos do Faraó e o Senhor nos tirou do Egito com mão poderosa... O Senhor mandou que cumpríssemos todas estas leis e temêssemos o Senhor nosso Deus, para que fôssemos sempre felizes e nos conservasse vivos, como nos faz hoje. Seremos justos, se guardarmos os seus mandamentos e os observarmos diante do Senhor nosso Deus, como ele nos mandou" (cf Dt 6,20-25; 26,3-11; 29,21-27).

O processo de educação da fé entre o povo de Israel situava-se no âmbito da casa

Era o direito e o dever do pai de família em Israel, no ambiente da casa, de mostrar aos filhos as razões dos próprios gestos, da sua fé, da caminhada do povo liberto por Deus. Esta prática catequética continha elementos sólidos, capazes de criar raízes religiosas nos filhos. Basicamente, a educação da fé em

Israel se processava nesta prática fundante: a obrigação que incumbia ao pai, no ambiente da casa, de, através de relatos históricos, num clima celebrativo, passar às novas gerações o compromisso de fidelidade ao Deus vivo que liberta e salva o povo e o conduz no caminho da justiça.

4. O TEMPLO - CASA DE TODOS

Instalado na terra prometida, o povo de Israel queria ter um ponto de referência comum, um lugar para guardar as "tábuas da lei", um espaço para o encontro da celebração nas grandes festas, um lugar de estudo mais aprofundado da Lei. Construíram, pois, o Templo, onde era celebrado o culto público. O rito, o significado, os relatos bíblicos, as explicações, tudo tinha por finalidade ser uma catequese para todo o povo (homens, mulheres, crianças e até para os estrangeiros, cf Dt 31,9). Surge o catequista-sacerdote, que tem a missão não apenas cultural, mas a de ajudar a aplicar a Palavra de Deus ao dia-a-dia da vida do povo (cf Lv 10,9-11).

5. A SINAGOGA, ESCOLA CATEQUÉTICA

O núcleo central da catequese de Israel está na PALAVRA pela qual Deus se fez conhecer a si mesmo. Conhecer a história do povo é ao mesmo tempo iniciar-se no mistério de Deus que opera na história (cf GEEURICKX, p.11).

É na família que a criança pouco a pouco vai assimilando a fé dos pais

A transmissão da fé acontecia na família-casa. Cabia aos pais ensinar aos filhos os grandes feitos de Deus por ocasião das grandes festas. No Deuteronômio lemos: "Recorda os dias que se foram, repassa gerações e gerações. Pergunta a teu pai e ele te contará, interroga os anciãos e eles te dirão" (Dt 32,7).

"É na família que, pelas liturgias domésticas no sábado e nas festas, a criança pouco a pouco vai assimilando a fé dos pais e a vivência dos valores fundamentais. Daí a importância, para a família judaica, da obediência da Lei de Moisés, da circuncisão no oitavo dia do nascimento e da cerimônia em que o menino, aos 12 anos, é reconhecido como adulto perante a Lei. Todos estes acontecimentos no seio da família têm um valor catequético" (cf GEEURICKX, p.12)

Além da família, a Sinagoga, pequena casa de oração e de estudo da Palavra de Deus, disseminada pelas diversas vilas e cidades, exerce papel decisivo na educação da fé do povo judeu. A criança é introduzida à leitura bíblica em diversas etapas, conforme a idade. Não se trata de um estudo teórico, mas sim, sintonizado com a libertação do Egito, e com a aliança no Sinai. Para que este estudo se tornasse mais ameno, faziam-se leituras cantadas da Bíblia e tinham o costume de passar mel no livro (cf Ez 3,3), para que a criança percebesse que o estudo da Palavra devia ser "doce como o mel".

6. DA GRUTA À CASA DE NAZARÉ

E quando se completou a plenitude dos tempos "o Verbo, a Palavra, se fez carne e habitou no meio de nós" (Jo 1,14). Habitar é "armar tenda". É entrar dentro da casa. É pisar o chão. A presença de Jesus aconteceu num clima de visita. Visita se faz indo ao encontro das pessoas. E o ninho das pessoas é a casa. O Anjo visita Maria na casa de Nazaré, Lc 1,26; Maria vai à casa de Isabel, Lc 1,39-45; na casa de Isabel, Maria proclama o hino da libertação, Lc 1,46-52; os vizinhos congratulam-se pelo nascimento de João Batista e vão à casa de

Zacarias e Isabel, Lc 1,58. Maria e José não encontram casa em Belém (Lc 2,7) e refugiam-se num rancho afastado no campo. Improvisam uma casa. Os anjos anunciam aos pastores a boa notícia, Lc 2,10. Os pastores vão à casa-gruta e encontram um recém-nascido envolto em panos e deitado numa manjedoura, Lc 2,16.

Para Jesus, a casa é sempre um espaço sagrado

Na casa de Nazaré "o menino ia crescendo e se fortificava, estava cheio de sabedoria e a graça de Deus repousava nele" (Lc 2,40). Instruído na casa de Nazaré, aos 12 anos Jesus foi a Jerusalém para a festa da Páscoa, Lc 2,41. Entre os escribas e doutores da Lei, o menino Jesus demonstrava conhecimento aprofundado das Escrituras, a ponto de causar espanto (Lc 2,47), mas depois novamente recolheu-se na "escola-casa" em Nazaré, Lc 2,51.

7. NA CASA DE PEDRO, DE MARTA E DE ZAQUEU

Segundo o evangelho de João, o sinal de que o novo estava acontecendo realizou-se numa casa. Casa em festa de bodas. "Aí manifestou sua glória e seus discípulos creram nele" (Jo 2,11). Para Jesus, a casa é sempre um espaço sagrado. Ele não permite que a casa-Templo (Jo 2,13-25) se transforme em lugar de negócio, pior, em "covil de ladrões". Na casa da sogra de Pedro (Mc 1,30), não deixou que a doença dominasse o ambiente familiar. Curou a mulher, para que ela pudesse expressar toda a sua disposição em servir. Ao centurião, Jesus promete ir à casa: "Eu irei e o curarei" (Mt 8,5-13). Em casa "de pecadores" Mc 2,15), senta-se à mesa. Junto à casa de Lázaro (Jo 11,25), afirma que Ele "é a ressurreição e a vida" e acolhe a profissão de fé de Marta: "Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo, aquele que devia vir ao mundo" (Jo 11,27). Na casa de Mateus anuncia: "Eu quero misericórdia. Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores" (Mt 9,13).

Para Jesus, todos os espaços são lugares de catequese. À casa do publicano Zaqueu (Lc 19,1-9), ele traz a salvação. Na casa de Marta, Maria e Lázaro, num clima familiar e afetivo, participa de uma ceia de despedida (Jo 12,1-11). E quando quer falar da consistência do seguimento e da solidez da opção, Jesus compara aquele que ouve e põe em prática seus ensinamentos ao que constrói uma casa sobre a rocha (Mt 7,24-27).

Os momentos mais significativos e decisivos são realizados em casa: o lava-pés (Jo 13,1-20) e a instituição da Eucaristia (Lc 22,7-21). Assim ele quis ficar presente, doar seu corpo e sangue, firmar a nova e eterna Aliança, num clima familiar. Numa casa. Casa mobiliada. Habitada.

8. DO TEMPLO PARA A CASA

O evangelho anuncia um fato que abala os fundamentos da experiência humana comum, Lc 24,18. O fato é que Jesus age na história à maneira de Deus, isto é, como Senhor. Pedro proclama: "Saiba com certeza toda a casa de Israel que Deus o constituiu Senhor e Cristo, este Jesus que vós crucificastes!" (At 2,36). O lugar central da evangelização deixou de ser o Templo e deslocou-se para a comunidade cristã e, nela, a casa como espaço privilegiado, conforme nos atesta At 2,42-47: "Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração".

Mas foi com Paulo que se acentuou a passagem da Sinagoga para a casa. Nela a evangelização trilha por caminhos mais espontâneos. As casas foram o berço do crescimento das

comunidades paulinas: casa de Gaio, Rm 16,11; casa de Aristóbulo, Rm 16,10b; casa de Narciso, Rm 16,11; casa de Filêmon e Ápia, Fm 2; casa de Lídia, At 16,15; casa de Ninfa, Cl 4,15; casa de Filólogo e Júlia, Rm 16,15; casa de Nereu e sua irmã, Rm 16,15; casa de Áquila e Priscila, At 18, 2-3 etc.

O lugar da reunião e da participação é a casa

A casa era para as comunidades paulinas um espaço da afetividade. A preocupação era atingir os adultos, especialmente a mulher, para que fossem irradiadoras, na família e na comunidade, da boa nova de Jesus. Dessa maneira cria-se uma unidade e uma continuidade entre "casa-mulher-comunidade".

"O lugar da reunião e da participação é a casa. O lugar dos acontecimentos da vida diária torna-se o lugar da memória do mistério pascal, o lugar da catequese e da oração" (ZOLLI, A. F., p. 48)

A casa-família era a unidade básica no estabelecimento do cristianismo na cidade. É comum encontrarmos afirmações neo-testamentárias com a expressão "com toda a sua casa" (p. ex. At 10,2), quando se refere à conversão de alguém. Na 1Cor 1,16, Paulo diz que batizou "a casa de Estéfanos"; na mesma carta (16,15ss), recomenda a mesma "casa de Estéfanos" como sendo "as primícias da Acaia", cujos membros "se dedicaram ao serviço dos Santos".

A "célula básica" da difusão do cristianismo era a casa, que não só incluía os familiares próximos mas também os escravos, os libertos, os trabalhadores contratados, atendentes e parceiros no comércio e na profissão. A casa passava a ser o lugar de "hospedar a Igreja", Rm 16,23. Ali se instalava uma rede de relacionamentos, de encontros e de difusão da fé no Ressuscitado, verdadeira célula básica da missão na cidade (cf MEEKS, W., p. 51 a 125).

O Concílio Vaticano II resgata a "Igreja doméstica"

A dimensão da catequese nas casas predominou nos primeiros quatro séculos do cristianismo. A experiência das comunidades paulinas chegou a Roma, onde o Catecumenato floresceu como uma exigência profunda de vida cristã. Mas no decorrer dos séculos o eixo casa-comunidade deslocou-se para a Igreja-templo, para as escolas e as universidades. A catequese deixou de ser afetiva, relacionável, experiência acalentada pelo calor da "casa", e caminhou para os "lugares da catequese", onde se caracterizou mais pelo estudo nocional das verdades da fé.

9. VOLTA À CASA LATINO-BRASILEIRA

O Concílio Vaticano II resgata a "Igreja doméstica" (LG 11), mas ainda faltam passos mais concretos para que esta realidade aconteça. As CEBs são uma tentativa de criar um novo referencial para a catequese ligada à casa.

Na América Latina, a casa tem um significado simbólico e cultural profundo. A casa-chão-terreiro se apresenta como um útero que acolhe e aproxima as pessoas. Neste sentido, a casa passa a ser o lugar da realização, da alegria, da partilha, da liberdade, da conversação.

É pela casa que, de geração a geração, perpassam os valores, as tradições, as culturas, a religiosidade, as heranças. Esta leitura desafia a catequese atual. A renovação da catequese, além de levar em conta o simbólico-cultural da casa, necessita rever seus métodos e conteúdos (CR n. 121-123; CT n. 68). O

desafio urbano questiona a prática atual da catequese. O homem latino-americano, amontado nos grandes aglomerados urbanos, quer ser acolhido e amado. Este acolhimento acontece quando a catequese entra "em casa".

10. ONDE MORAS?

A CF-93 convoca os cristãos e todos os homens e mulheres de boa vontade para um olhar sobre a qualidade da moradia. A casa do campo e da cidade, das vilas e das periferias, das ocupações e das favelas, dos barracos e dos sem-casa...

A casa define a qualidade de vida. Concretamente, a catequese tem diante de si um desafio: Como falar de "morada do céu", "casa de Deus", "Igreja doméstica", "aconchego do lar", "catequese familiar", para um povo que vive em condições sub-humanas, um povo sem moradia?

Medellin nos alerta: "A catequese deve assumir as angústias e as esperanças do homem de hoje... e ser fiel à realidade vital nos fatos e na vida. As situações históricas e as aspirações humanas constituem parte integrante e indispensável da catequese" (Med. 8,6).

O núcleo central da catequese é fidelidade a Deus, à Igreja e ao homem. Mas este homem está sem casa. Uma catequese integral exige respeito à vida, e a qualidade de vida passa pela moradia.

BIBLIOGRAFIA

- VV.AA., "Diccionario de Catequética", Editoria CCS, Madrid, 1987
MEEKS, W. A., "Os primeiros cristãos urbanos", Ed. Paulinas, SP, 1992
GEEURICKX, J. A., "A catequese na comunidade cristã", Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.
COMBLIM, J., "Teologia da Cidade", Ed. Paulinas, SP, 1991
VV.AA., "Missão na cidade", VI Plano de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo, 1991
VV.AA., "Paulo, evangelizador da cidade", Região de Belém, Arquidiocese de São Paulo, 1991
CR = Catequese Renovada, Doc. da CNBB, n. 26, 1983
CT = Catechesi Tradendae, Exort. Apost. de João Paulo II, 1979
VV.AA., "Texto-Base da CF-93"

Endereço do autor:

*Seminário Teológico de Tubarão - SETT
rua Marcus Aurélio Homem, 353
88040-440 Serrinha FLORIANÓPOLIS SC*